

ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO E A HISTÓRIA: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS POSSÍVEIS

GABRIELLE DE SOUZA OLIVEIRA¹; MADALENA KLEIN²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabidesouza.o@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – kleinmada@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pretendo, com este trabalho, identificar e analisar as aproximações teórico-metodológicas do campo dos Estudos Culturais em Educação e da História, mais especificamente a Nova História trazida pela Escola dos Annales. Sou formada nos cursos de História (UFSM) e ingressei no curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPEL) no segundo semestre de 2021. Desde então, venho constantemente pensando acerca das possíveis aproximações entre o meu campo de formação e as Teorias da Educação, as quais tenho tido contato desde meu ingresso na pós-graduação. Elaborar este estudo me fornece subsídios e ferramentas para pensar minha própria pesquisa.

De acordo com as colocações de Cary Nelson, Paula Treichler e Lawrence Grossberg (1995) em “Estudos Culturais: uma introdução”, ainda que os Estudos Culturais tenham se desenvolvido em oposição à lógica disciplinar e à definição estrita de conceitos, métodos e procedimentos, sendo composto por ferramentas/conceitos operacionais plurais oriundos de várias áreas, é possível elencar um conjunto de características principais. Em “Estudios culturales un guía gráfica”, Ziauddin Sandar e Borin Loon (2011) elencam tais características e propõem que entre elas se vislumbram os objetivos de estudo do campo, quais sejam: a) examinar as práticas culturais à luz das relações de poder; b) compreender as práticas culturais a partir do contexto social e político em que elas se manifestam; c) fazer da cultura, representações, discursos, identidades, diferenças e relações de poder seus objetos de estudo/análise; d) expor e conciliar a divisão do conhecimento, de modo a superar a divisão senso comum/conhecimento objetivo; e) comprometer-se com ação política, de modo a compreender (e mudar) as estruturas de dominação.

Já, conforme aponta José Carlos Reis em “Escola dos Annales: a inovação em História”, o que diferencia uma escola histórica de outra é a presença de novos métodos, novos objetos, novas fontes, novas técnicas, novos conceitos e novos historiadores/as e obras modelo (REIS, 2000). De acordo com o autor, a grande mudança trazida pela já referida Escola dos Annales (marco para a Nova História e referência canônica da Teoria da História até hoje) foi a mudança na relação com o tempo histórico. Antes da Escola dos Annales o estudo da história estava restrito ao estudo da sucessão de eventos, da diferença entre passado/futuro e nas explicações teleológicas do passado. O dito “final universal conhecido antecipadamente” (REIS, 2000, p. 18) e o tempo era linear, progressivo e irreversível. Com a nova perspectiva, inaugura-se a ideia de um tempo *continuum*, a compreensão do tempo a partir das permanências, mudanças e simultaneidades. Essa mudança teria sido produzida na ciência histórica, sobretudo, em razão do diálogo/contato com as Ciências Sociais.

Além dessa mudança com relação ao tempo histórico, a Escola dos Annales inaugura uma nova concepção de História. A partir desta, o

conhecimento histórico “não narra o vivido tal como ele se passou [...] A realidade histórica não é transparente” (REIS, 2000, p. 19). Junto com isso, houve uma ampliação do leque de fontes históricas: “a documentação [...] é menos política e biográfica. O conhecimento histórico pode incluir a quantidade, o conceito, a análise, a problematização” (REIS, 2000, p. 21).

Nesse sentido, o fato histórico não é mais visto como dado, nem o/a historiador/a é um mero empilhador de acontecimentos. Agora, a/o historiador/a é um construtor e interpretador dos fatos históricos, isto porque não recebe os documentos passivamente, como verdades absolutas, mas como pistas do passado, cuja história será elaborada mediante a análise crítica dessas fontes. Sendo assim, essas definições teóricas iniciais já nos possibilitam explorá-las também no âmbito da metodologia, a qual será explanada a seguir e a partir da qual resultou o resumo que aqui apresentamos.

2. METODOLOGIA

Quando precisamos caracterizar o método historiográfico de pesquisa, não hesitamos em recorrer à Escola dos Annales e às transformações que ela operou na historiografia. A introdução da noção de história-problema, da ideia de um tempo histórico que almeja a compreensão de um *continuum* entre presente e passado, de problemas de pesquisa que almejam compreender as mudanças ocorridas acerca daquele assunto ou objeto de estudo ao longo do tempo: todas estas são dadas como premissas ao Estudo da História, tanto que historiadoras e historiadores costumam partir do princípio que elas são de conhecimento geral de todo mundo que se dedica ao estudo de algo que parte do viés histórico.

Por vezes o trabalho de historiadores e historiadoras com as fontes históricas é bastante romantizado. A relação dessas/es profissionais com os arquivos é uma imagem recorrente. No entanto, mesmo que as fontes históricas com que trabalham não estejam em arquivos públicos ou não sejam fontes de séculos distantes, por exemplo, o tipo de tratamento com relação a elas é bem semelhante. Em “Uso e mau uso dos arquivos”, Carlos Bacellar (2005) apresenta alguns elementos essenciais no trabalho da análise documental. A primeira das tarefas cabíveis ao profissional/estudioso diz respeito a conhecer a história do documento em questão, ou seja, historicizá-lo: “Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? [...] Contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador!” (BACELLAR, 2005, p. 63). Portanto, faz parte desse exercício de historicizar um dado documento, compreender o contexto no qual ele foi produzido; conhecer os significados de palavras e expressões que fazem parte dele, afinal, elas também tem história; e atentar para as mudanças, pois estas são o principal objeto de interesse da ciência histórica.

O percurso metodológico de uma pesquisa em história consiste, portanto, em combinar as referidas estratégias de se acercar da temática e compreendê-la dentro de sua historicidade. Ao realizar leituras do campo dos Estudos Culturais em Educação, percebemos que tais estratégias, perguntas e preocupações se assemelham muito aos recursos que pesquisadores e pesquisadoras dessa área caracterizam como sendo basilares para seus trabalhos. Entre tais semelhanças encontra-se o fato de que o documento a ser analisado não é compreendido como uma verdade irrefutável, mas como uma produção de determinada época; ou que a fonte/documento de pesquisa é, na verdade, produzido a partir da atuação e problematizações que a/o pesquisador/a elabora a partir dele.

Em “Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas”, Marlucy Alves Paraíso (2012) apresenta o que chama de “procedimentos e pressupostos das pesquisas pós-críticas em educação”. De acordo com ela, tais elementos consistem em regularidades identificadas nos trabalhos em educação e que os caracterizam como pesquisas que, quando de cunho pós-crítico, questionam às regularidades estritas e a necessidade das “caixinhas fechadas” e disciplinares da Modernidade. Entre essas características destacamos aqui: a) a preocupação com as mudanças (sobretudo na Educação) ao longo do tempo; b) a crítica aos modelos e criações modernas, tais como o sujeito racional, as metanarrativas, a linearidade histórica e a noção de progresso; c) a incorporação de outras categorias de análise, bem como o questionamento às vertentes teóricas tradicionais do campo de estudo; e d) a concepção de que há relações de poder imbricadas nas instituições, espaços, currículo e “verdades” construídas acerca da Educação.

Já acerca dos procedimentos e estratégias que têm sido empregadas nas pesquisas dos Estudos Culturais em Educação, a autora apresenta uma série de movimentos que caracterizam o campo no aspecto metodológico e, mais uma vez, o aproximam do movimento da historiografia e dos/as historiadores/as que “fabricam” suas fontes históricas. Para tal, estratégias trazidas por Paraíso (2012), como “ler demoradamente” e “perguntar” constantemente, são fundamentais no processo.

Além dessas, a preocupação em articular e bricolar saberes de diferentes áreas disciplinares, tecer composições heterogêneas e reunir as informações disponíveis a respeito de nossos objetos de estudo se fazem etapas imprescindíveis. Assim como “compor, decompor e recompor” (PARAISO, 2012, p. 36) teorizações diversas, costurando-as e articulando-as de modo a melhor compreender o elemento sobre o qual nossas pesquisas visam tecer explicações e hipóteses.

Todas essas etapas se caracterizam por não serem fixas e rígidas. No entanto, não quer dizer que empregá-las ou se propor a uma investigação no âmbito dos Estudos Culturais signifique abdicar de qualquer rigor metodológico. Trata-se, na verdade, da possibilidade de construir o caminho metodológico que melhor contemple a problemática de pesquisa que elaboramos. Para tanto, é preciso que se adote, talvez, a mais importante das estratégias metodológicas oriundas dos Estudos Culturais em Educação, qual seja: estar eternamente à espreita de novas perguntas e questionamentos que podem despertar nossa curiosidade quando estivermos em contato com as fontes/documentos. Estar atentas/os para nos reinventarmos metodologicamente com criatividade, na medida que se faça necessário para nossas vontades/interesses de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre o principal procedimento metodológico empregado na breve pesquisa aqui apresentada esteve a articulação e bricolagem das diversas referências bibliográficas que selecionamos para leitura e investigação, parte dela já apresentada na introdução desse resumo. Sendo assim, a partir das leituras de BLOCH, 2001; REIS, 2000; BACELLAR, 2005; SANDAR e LOON, 2011; VEIGA-NETO, 2003; CORAZZA, 1996; e PARAISO, 2012; foi possível construir a tabela abaixo, cotejando as principais características dos campos em questão:

Tabela 1: Aproximações teórico-metodológicas: Estudos Culturais em Educação e a História

Estudos Culturais em Educação	História (Escola dos Annales)
Reúnem e abrigam em seus aportes teórico-metodológicos elementos de várias áreas/disciplinas, chegam a se definir como antidisciplinares, por não quererem se fechar em uma única área.	Incorpora elementos interdisciplinares, sobretudo das Ciências Sociais, sem perder de vista o tempo como dimensão essencial do estudo histórico.
“uma preocupação contínua nos Estudos Culturais é a noção de transformação social e cultural radical e como estudá-la” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995, p. 16)	Historicidade: o objeto de estudo da história é conhecer as mudanças humanas ao longo do tempo (REIS, 2000).
Propõe problematizações do presente a partir de descrições acerca de como chegamos até aqui, de modo a identificar como se constituiu determinado estado das coisas (VEIGA NETO, 2003).	Explora a relação presente-passado e rompe com a ideia do tempo teleológico/linear.
Não existe “a verdade” sobre a realidade/cultura.	Não existe “a História” tal como realmente se passou.
Os procedimentos metodológicos são elaborados a partir das problematizações de pesquisa e das estratégias adotadas por cada pesquisador/a.	As fontes históricas e as estratégias de análise das mesmas são construídas pelo/a próprio/a historiador/a, a partir das perguntas-problema que ela/e faz.

Fonte: elaborada pela autora.

Pelo percurso de pesquisa traçado até então, conseguimos constatar semelhanças e aproximações dos aspectos teóricos-metodológicos dos campos da História e dos Estudos Culturais em Educação. A construção da tabela acima possibilita que consigamos ver com mais vagar tais aproximações, na medida em que elas estão sistematizadas e colocadas lado a lado. No entanto, temos consciência que se trata de um primeiro movimento, de uma primeira sistematização, que está longe de abarcar todos os elementos basilares do campo dos Estudos Culturais em Educação e da Escola dos Annales, afinal, em razão do curto espaço disponível para o desenvolvimento deste resumo, muitas/os autoras/es importantes para os campos ficaram de fora do processo de articulação de leituras.

4. CONCLUSÕES

Por fim, cabe apenas reforçar e reiterar que o presente resumo está longe de esgotar a possibilidade de pesquisa em questão, ainda que tenha sido inovador no objetivo que se propôs, qual seja a aproximação entre o campo dos Estudos Culturais em Educação e as bases canônicas atuais da Teoria da História. Afirmamos isso porque, quando realizamos uma busca a fim de encontrar outros trabalhos que já tivessem se debruçado nesse sentido, encontramos apenas associações dos Estudos Culturais em Educação ao Ensino de História, à História da Educação ou à História Cultural, mas não à proposta da Nova História trazida pela Escola dos Annales.

Ademais, é importante ressaltar que, para além de qualquer grande e nova elaboração, o presente trabalho é muito um esforço particular de compreender e

me apropriar das discussões e debates com os quais venho tendo contato no Mestrado em Educação, sem que minha área de formação fique de fora de minhas pesquisas presentes e futuras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In.: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996, p. 105-131.
- NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 7-38.
- PARAISO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012, p. 23-45.
- REIS, José Carlos. Os Annales: a renovação teórico-metodológica e “utópica” da história pela reconstrução do tempo histórico. In.: _____. **Escola dos Annales: a renovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SANDAR, Ziauddin; LOON, Borin Van Loon. **Estudios culturales un guía gráfica**. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, 2011, p. 3-9.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, maio-ago 2003, p. 5-15.